

Considerando o que estudamos sobre o belo e o feio, coloque "V" para verdadeiro e "F" para falso.

- A() Para Platão, a beleza é a única ideia que resplandece no mundo. Se, por um lado, ele reconhece o caráter sensível do belo, por outro, continua a afirmar sua essência ideal, objetiva. Segundo o pensamento platônico, somos obrigados a admitir a existência do "belo em si" independentemente das obras individuais que, na medida do possível, devem se aproximar desse ideal universal.
- B() O classicismo vai ainda mais longe do que Platão, pois deduz regras para o fazer artístico a partir do belo ideal, fundando a estética normativa. É o objeto que passa a ter qualidades que o tornam mais ou menos agradável, independentemente do sujeito que as percebe.
- C() Nos séculos XVII e XVIII, os filósofos empiristas Locke e Hume relativizam a beleza, uma vez que ela não é uma qualidade das coisas, mas só o sentimento na mente de quem as contempla. Por isso, o julgamento de beleza depende tão somente da presença ou ausência de prazer em nossas mentes. O belo, portanto, não está mais no objeto, mas nas condições de recepção do sujeito.
- D() No século XIX, Kant, afirma que o belo é "aquilo que agrada universalmente, ainda que não se possa justificá-lo intelectualmente". Para ele, o objeto belo é uma ocasião de prazer, cuja causa reside no sujeito. O princípio do juízo estético, portanto, é o sentimento do sujeito, e não o conceito do objeto.
- E() Para Kant o belo é uma qualidade que atribuímos aos objetos para exprimir certo estado da nossa subjetividade. Sendo assim, não há uma ideia de belo nem pode haver regras para produzi-lo. Há objetos belos, modelos exemplares e inimitáveis.
- F() Hegel introduz o conceito de história ao estudo do belo, e, a partir do século XIX, a beleza muda de face e de aspecto através dos tempos. Essa mudança (devir), que se reflete na arte, depende mais da cultura e da visão de mundo vigentes do que de uma exigência interna do belo.
- G() Hoje em dia, de uma perspectiva fenomenológica, consideramos o belo como uma qualidade de certos objetos singulares que nos são dados à percepção. Beleza é, também, a imanência total de um sentido ao sensível. O objeto é belo porque realiza sua finalidade, é autêntico, verdadeiramente segundo seu modo de ser, isto é, por ser um objeto singular, sensível, carrega um significado que só pode ser percebido na experiência estética. Não existe mais a ideia de um único valor estético baseado no qual julgamos todas as obras. Cada objeto singular estabelece seu próprio tipo de beleza.

Considerando o que foi estudado sobre o feio e o gosto, assinale a alternativa INCORRETA.

- A() O feio não pode ser objeto da arte.
- B() Então uma obra pode representar do feio ou pode ser feia, e assim só haverá obras feias na medida em que forem malfeitas.
- C() O conceito de gosto é diferente de "aquilo de que eu gosto é bom e aquilo de que eu não gosto é ruim", e essa atitude só pode levar ao dogmatismo e ao preconceito.
- D() Ter gosto é ter capacidade de julgamento sem preconceitos. É a própria presença da obra de arte que forma o gosto: torna-nos disponíveis, supera as particularidades da subjetividade, converte o particular em universal.
- E() Gosto é, finalmente, o juízo feito a partir da preconceituosa construção por aquele que avalia o belo, independente e anterior a própria obra a ser avaliada.